

Susan Yeandle, *Women's Working Lives — patterns and strategies*, Londres, Tavistock Publications, 1984, 232 pp.

Dos anos 60 para cá, as mulheres foram-se tornando, nalgumas correntes de investigação europeias e norte-americanas, um dos mais populares (e rendíveis) objectos do saber sociológico. O empurrão dado pela militância dos movimentos feministas e a entrada cada vez mais duradoira de mulheres no mercado de trabalho das sociedades capitalistas foram certamente decisivas na procura e descoberta deste objecto feminino pela investigação.

Os tópicos organizaram-se em volta de dois temas maiores: na tradição das análises económicas, sucederam-se os estudos sobre a natureza, características e função da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho, denunciando as várias formas e graus de discriminação de que ela é alvo; outros privilegiaram, pelo contrário, o tema da divisão sexual do trabalho, destacando toda a complexidade da conciliação dos papéis familiares, domésticos e profissionais femininos. Com algumas variantes, dadas até pelos contextos particulares em que decorre a recolha do material empírico, são estes, por excelência, os temas-vedetas dos *women studies*. Conseguiram, em parte, visar o alvo: reunir dados e informações sobre a condição feminina; denunciar e ilustrar o seu estatuto discriminado; fornecer esboços de explicação para tais factos e realidades.

O trabalho de S. Yeandle insere-se nesta linha tradicional. Procurando estudar a articulação entre «capitalismo» e «patriarcado», particularizada no «exercício concreto do trabalho feminino», retrata os percursos profissionais e familiares de 64 mulheres empregadas em Kent, cujas idades se situam entre os 25 e os 45 anos, todas elas mães. Um olhar minimamente instruído e atento adivinharia, porém, à partida, e dispensando a leitura do livro, os resultados a que a autora chegou: apesar da variedade das experiências individuais, é com dificuldade que as mulheres combinam papéis familiares e papéis profissionais; empregos sucessivos, em geral pouco interessantes e mal remunerados, variam irregularmente dentro de sectores de actividade tipicamente femininas; a variabilidade do trajecto profissional depende, em última instância, das fases do ciclo da vida familiar.

À semelhança de outros «estudos femininos», teoricamente pouco usados, este vem lembrar temas e problemas afinal bem conhecidos — que integraram já, muito provavelmente, o próprio senso comum. Como alguns, parece pactuar com o pressuposto segundo o qual o simples facto de a investigação ser feita por mulheres se traduz numa melhor compreensão dos universos femininos. Pressuposto tão absurdo quanto o seu negativo — ou estarão os homens superiormente dotados para o estudo das práticas masculinas? Sem a crítica de conceitos e categorias (como os de mulher, trabalho ou família), sem ter em conta ou distinguir as possíveis dimensões do facto feminino, de modo a fazerem-se à realidade outras perguntas, sem a criteriosa selecção de métodos de análise, os «estudos femininos» vão-se tornando um ramo monótono e caduco da sociologia. Farão, quando muito, as delícias de arqueólogos e filósofos do saber...